

A Revista Azul: Articulação de rede e experimentação simbolista em Curitiba no século XIX

The Revista Azul: Network articulation and symbolist experimentation in Curitiba in the 19th century

Mauro Vaz de Camargo Junior

Graduado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Mestre pela Universidade do Estado de Santa Catarina e Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Resumo: *A Revista Azul* foi um periódico que circulou na cidade de Curitiba (PR) no ano de 1893, teve seis números e foi interrompida por uma guerra, mas apesar dessa fugacidade ela é uma fonte para apresentar um cenário de disputa e reorganização do campo intelectual em um contexto da periferia da produção cultural do Brasil, e logo torna-se um observatório privilegiado para a construção de ideários e redes, assim a publicação aqui trabalhada como fonte para a compreensão das relações postas entre os escritores paranaense da geração de 1890.

Palavras-chave: Intelectuais, periódicos, geração.

Abstract: *Revista Azul* was a periodical that circulated in the city of Curitiba (PR) in 1893, had six issues and was interrupted by a war, but despite this fleetingness, it is a source to present a scenario of dispute and reorganization of the intellectual field. in a context on the periphery of Brazilian cultural production, and soon it becomes a privileged observatory for the construction of ideas and networks, thus the publication worked here as a source for understanding the relationships between Paraná's writers of the 1890's generation.

Keywords: Intellectuals, periodicals, generation.

A Revista Azul foi um periódico que circulou na cidade de Curitiba no ano de 1893, era quinzenal, teve seis números e foi interrompida por uma guerra, apesar dessa fugacidade optei por utiliza-la para apresentar um cenário de disputa e reorganização do campo intelectual em um contexto da periferia da produção cultural do Brasil. Como Jean-François Sirineli, em seus estudos, afirma que uma revista é antes de tudo um lugar de “fermentação” intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade (Sirinelli, 2010, p.249), e logo torna-se um observatório privilegiado para a construção de ideários e redes, é sob este signo que repousa a importância da publicação aqui trabalhada.

A *Revista Azul* que circulou entre agosto e outubro de 1893, somando um total de seis números, era dirigida e de propriedade de Júlio Pernetta sob a redação de Dario Persiano Vellozo. Os dois eram jovens, tinham naquele período, vinte e quatro anos e representavam uma nova geração que buscava se afirmar no campo intelectual paranaense, buscando um reconhecimento entre os intelectuais locais e o público.

A revista é nos serve de ferramenta analítica do processo de afirmação dos laços de amizade e compromisso entre os intelectuais, além de fonte para visualizar a circulação das ideias na cidade de Curitiba no final do século XIX, compreendendo a movimentação de alguns dos escritores que se consagrariam, anos mais tarde, como principais nomes do grupo denominado por Maria Tarcisia da Bega como a “geração simbolista”:

Nascidos entre os anos 60 e 80 do século XIX, predominantemente paranaense das cidades de Curitiba, Paranaguá, Antonina e Morretes, eram todos poetas, jornalistas cronistas. Vincularam-se à maioria dos jornais e revistas da época, sendo seus principais editores e redatores: criaram 14 revistas ao longo de 20 anos. Escreveram regularmente em revistas de perfis não literários, ocuparam cadeiras como professores do Ginásio Paranaense e da Escola Normal, principais locais de formação dos jovens da época e fundaram as instituições necessárias ao reconhecimento no campo literário (Centro de Letras do Paraná, Academia Paranaense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico). (Bega, 2001, p.5)

A autora considera esta como a primeira geração de escritores paranaenses que estabelece um espaço de consagração e memória, constatação que não remete apenas ao alcance da produção do grupo, estes atores estão imersos em fenômenos de solidariedade, resultante de vivências comuns, ligadas a crise dos valores do regime imperial e da organização da república, como a abolição da escravatura (1888) a proclamação da república (1889), a revolução federalista (1893).

A tomada de posição nos debates públicos marcou a escrita dos autores a busca por um projeto de nação e a inclusão do Paraná numa representação sobre o Brasil. Tornar seu Estado natal reconhecido pelos outros membros da federação era uma problemática central para estes agentes, nascidos nas primeiras décadas de existência da província do Paraná, emancipada em 1853. Entende-se que a definição da identidade regional compreendia também a intenção de criar para si uma identidade social positiva. Os interesses de seus escritos convergiam no esforço de reversão do estigma de local isolado, desabitado e atrasado, substituindo-o por um emblema de “promissão”, de uma “terra do futuro”.

A pesquisadora Maria Bega destaca, como parte deste grupo, escritores como Victor Ferreira do Amaral, Sebastião Paraná de Sá Sottomaior, Leôncio Correia, Nestor Victor dos Santos, Emiliano Pernetta, Ermelino Agostinho de Leão, Manuel Azevedo da Silveira Netto e Alfredo Romário Martins. Uma composição de intelectuais ligados à camada dominante política e economicamente, mais especificamente ao grupo ligado a atividade de extração, processamento e comercialização de erva mate. Os ervateiros eram pequenos industriais que detinham grande capital econômico sobretudo da venda de seus produtos nos países da América do Sul.

Os escritores, apresentados acima, eram homens que se encontraram ainda jovens, no período de suas formações escolares em Curitiba, a capital do estado, onde estavam as principais instituições de ensino. Naquele período, formaram alianças e mesmo concorrências em revistas

juvenis, grêmios e concursos escolares. Iniciaram como escritores nos periódicos locais, produzindo seus primeiros textos e trabalhando como tipógrafos em jornais maiores.

A circulação desses intelectuais em espaços comuns auxiliou na construção de redes de sociabilidade, que se articulam em torno de revistas e grupos de leitura. Eram proximidades que ocorriam tanto por relações de amizade quanto pela convergência de ideias, servindo à formação de laços mais restritos. O fortalecimento dessa rede encontrava apoio em sua origem na classe dominante, sendo que a autoridade e o reconhecimento tornaram seu discurso central para a produção da cultura local.

O entendimento destas hierarquias é importante para a localização social deste grupo. Entendo o espaço de ação intelectual como definido por Gisele Sapiro (2012, p. 21): “a intersecção do campo político e dos campos de produção cultural específicos, o campo intelectual participa do campo de produção ideológica.” A referência da autora é Pierre Bourdieu, que definiu essa parcela da sociedade como a “parte dominada da elite dominante” (Bourdieu, 1990, p. 174). Com isso, atentei para a relação de dependência que havia entre estes agentes e os grupos dirigentes. Como afirma Silvia Sigal (2012, p. 63), a intervenção do campo político nos espaços de produção intelectual se acentua, e:

é possível afirmar que a atividade cultural nas sociedades periféricas remete a instâncias de consagração externas e, ao mesmo tempo, interioriza critérios externos de valorização. Estas duas dimensões se determinam reciprocamente: a importância acordada aos centros culturais metropolitanos acentua o caráter escorregadio das hierarquias internas, estimulando a busca de instâncias exteriores incontestáveis. Este processo de retroalimentação, por sua vez, influi sobre as relações entre poder e cultura na medida em que a vacilante legitimidade das instituições culturais diante dos intelectuais eles mesmos, faz com que sejam vulneráveis às intervenções do poder político.

A relação heteronômica do campo caracteriza-se por uma aproximação entre as pautas do debate intelectual e os interesses políticos; e a intervenção do campo político influi em processos como a viabilidade da produção e mesmo a sua legitimidade. Tal situação interferia na expressividade cultural, pois o Paraná, com existência relativamente recente, construía seus signos de representação que proporcionassem uma diferenciação do território ao qual pertencia, ou seja, a província de São Paulo – que se colocava como uma das principais praças de produção intelectual do país, além de disputar espaço como fundante no “panteão” nacional.

Quando falamos em afirmação desta nova geração, e em especial dos editores, não estabelecemos uma nulidade nos processos anteriores. Pelo contrário, nosso intuito é demonstrar que se trata de um movimento de ideias e de que a própria posição dos editores é resultante de um acúmulo de *capital cultural e financeiro* que lhes conferiam reconhecimento para assumirem tais posições dentro deste empreendimento. Para melhor compreender essa construção, recorreremos a discussão de recortes das trajetórias destes dois sujeitos, não como uma abordagem biográfica, mas como afirma Rebeca Gontijo:

Seguir a trajetória de indivíduos e grupos, buscando compreender suas relações, torna possível relativizar continuidades, determinismos, perspectivas englobantes, tipologias fechadas e alternativas de atuação restritas, que tendem a homogeneizar os grupos, estabelecendo perfis rígidos. (2005, p. 277)

Esta perspectiva nos permite visualizar os caminhos percorridos pelos escritores de forma a identificar quais os bens simbólicos passíveis de serem utilizados nas trocas dentro do campo intelectual. Também é útil para identificarmos as relações e os microclimas que compõem esta rede, assim como os itinerários diversos dos autores e suas diferentes posições dentro do campo e também as como as ideias e os discursos se organizam dentro das redes de intelectuais, se tornando valores e posições.

Simbolista quem sabe?

A proposta renovadora associada a produção Simbolista se tornaria a expressiva marca da geração de autores paranaenses pertencentes ao movimento de 1890. Apropriar-se dos debates literários de origem francesa significaria um rompimento com o Parnasianismo e o Romantismo, escolas literárias dominante nas produções anteriores, aparecia como uma estratégia de alçar a produção paranaense a “vanguarda” da produção estética nacional.

As expectativas sobre a transformação de Curitiba em um centro de disseminação das ideias simbolistas foram geradas porque nesse período intensificava-se a circulação de ideias e leituras de autores como Charles Baudelaire, Paul Verlaine e Stéphane Mallarmé. Esta nova corrente literária chegava a cidade e a região por meio da movimentação dos próprios intelectuais e na compreensão de que essas “novas ideias” serviriam ao rompimento da condição provinciana da capital paranaense.

Dois deslocamentos de escritores são importantes a chegada e a validação do Simbolismo no Paraná, o primeiro a analisarmos é o de Emiliano Pernetta que em 1892 fazia parte do corpo editorial da *Folha Popular*, periódico que circulou no Rio de Janeiro e ficou reconhecida por ter lançado o manifesto do movimento simbolista, nesse periódico Emiliano conviveu com nomes como Cruz e Souza e B. Lopez além do seu conterrâneo Nestor Victor.

Emiliano, era um intelectual já reconhecido no Paraná, deixou a província para cursar direito na Faculdade de Direito de São Paulo, lá ele se inseriu em diferentes movimentos literários, participando da direção de periódicos como *Vida Semanaria* (1887) e *Folha Literária* (1888). Estas revistas eram associadas a mesma rede de escritores que contava com Afonso de Carvalho e Edmundo Lins e Olavo Bilac. Em 1890, mudou-se para o Rio de Janeiro.

A vida na capital federal era vista no Paraná de forma diferente, por um lado os mais conservadores consideravam um descrédito do cenário cultural curitibano, por outro lado os mais “cosmopolitas” consideravam uma forma de consagração da produção local, muitos escritores paranaenses migraram para o Rio de Janeiro e lá se estabeleceram como sendo nomeados como “embaixada paranaense”, a professora Maria Tarcisa Bega faz uma descrição deste período da vida de Emiliano.

O dia-a-dia no Rio de Janeiro e as disputas literárias amenizadas posteriormente na boêmia, nos cafés, na Confeitaria Colombo, na cervejaria Maruim, no Café Java, foram vividas por Emiliano que convivia com Bilac, Alphonsus de Guimarães, Gonzaga Duque, Emílio de Menezes, Raul Braga, Coelho Neto e tantos outros (Bega, 2001, p.188)

Como descreve Ivan Santana (2015), este poeta envolveu-se na “batalha dos novos”, que foi um debate literário que opôs o grupo dos simbolistas e os seus críticos, em especial às leituras de Silvio Romero e José Verissimo que não teriam feito uma boa recepção das poesias do grupo, considerando seu individualismo e distanciamento social como fraquezas, a essa visão fortalecia a imagem dos parnasianos, e por isso o debate é posto como uma “questão geracional”. Segundo Santana, o ocorrido acabou por desgastar as relações de Emiliano entre os escritores da capital, condição que teria se somado para que aceitasse um cargo como juiz em fevereiro de 1893:

Emiliano se transferiu para o interior de Minas Gerais, onde atuou como promotor na cidade de Caldas, e juiz municipal em Santo Antônio do Machado, a convite do amigo e então governador do estado de Minas, João Pinheiro (Santana, 1893, p.12).

A trajetória do intelectual fora do espaço de Curitiba, seus contatos com outros escritores renomados aliada a rede de contatos a qual pertencia na província, não foi o suficiente para a consagração em nível nacional, mas para sua validação em no Paraná, o que se tornou visível com o seu retorno a terra natal, onde rapidamente se estabeleceu nas revistas e no serviço público.

Júlio era “herdeiro” deste capital cultural, apesar de ter uma produção com temáticas diversas a de Emiliano, em um primeiro momento a dedicou-se mais à produção de textos regionalistas, anti-clericais e satanista, inseria-se na mesma rede de escritores que o irmão e colaborando nos mesmos periódicos. Em *Revista Azul*, mesmo não utilizasse a influência de seu irmão, esperava-se que assumisse uma posição de divulgador do Simbolismo no Paraná, mas não se colocava como representante desse movimento.

Uma segunda trajetória que nos auxilia na compreensão de como as ideias simbolistas circulavam em Curitiba é a João Itiberé da Cunha. Cassiana Carolo (1997) sublinha a importância de seu nome para a afirmação do simbolismo no Paraná. Considerado por ela, como um “informante”, responsável pela comunicação de ideias que circulavam em Bruxelas aos seus amigos em Curitiba.

Nascido na cidade de Cerro Azul foi mandado estudar na Bélgica, onde teve contato com os nomes do movimento que lá crescia, assim conquistou *capital simbólico* representados pelos contatos que estabeleceu e pelas publicações que fez na Europa. Regressou em 1893, onde foi recebido pelo grupo de intelectuais paranaense já apresentado, causava-lhes curiosidade a sua mudança de nome e a sua forma de vestir-se, que segundo a autora em muito destoava do habitual de Curitiba do fim do século XIX:

Pois, quem voltava não era mais o João Itiberé da Cunha, mas Jean Itiberé, antigo aluno do Colégio Saint-Michel em Bruxelas, o colega de Maeterlinck, Verhaeren, Ivan Gilkin, do rei Alberto, o doutor em direito formado pela Universidade de Bruxelas, e participante do movimento de La Jeune Belgique, um dos mais importantes do simbolismo europeu, o colaborador do *Le Figaro* de Paris. Era o autor dos *Préludes* (1890) obra editada por Paul Lacomblez, e exposta nas vitrines no mesmo dia que *Serres Chaudes* de seu amigo Maeterlinck, e que recebeu por ocasião de sua estréia cartas de Leconte de Lisle, Heredia, Henri Chenier, Sully Prud’homme (Carolo, 2010, p.67)

Segundo a autora, ele não se enquadrava na figura de um “renovador”, pois as ideias já circulavam no Brasil, mas a sua atuação teria sido responsável pela aproximação dos paranaenses com a escola simbolistas belga, mais destacadamente com Gilkin, Itibere trazia para o grupo referências de debates ocultistas e esotéricos, chamava a atenção sua mudança de nome e as publicações em sua maioria em língua francesa.

A figura de Jean Itibere, como bem descreve Carolo, é um informante de um campo intelectual internacionalizado, representa uma proposta de “modernização” no sentido renovador ou afirmativo das perspectivas locais sobre simbolismo. A suas roupas, a comunicação em língua francesa e a proximidade com escritores estrangeiros representavam uma distinção, inclusive em relação ao cenário nacional, e assim contribuía a narrativa da singularidade do campo literário paranaense, e de uma geração que se considerava vanguardista.

Uma revista entre o debate nacional e os compromissos locais

As posições de redator e editor são espaços de poder e reconhecimento dentro da rede de escritores, pois para organizar, escolher e convidar os demais escritores é preciso ter contatos consolidados e uma rede de interesses, privilégios e afetos que sirvam para angariar contribuintes e leitores. Por isso opto por construir uma perspectiva focal sobre os organizadores da revista, Júlio Pernetta e Dario Velloso, que em 1893 eram dois jovens com trajetórias próximas, mas com posições muito diferentes dentro do grupo de intelectuais.

Júlio Pernetta era filho de Francisco Antunes e Cristina Maria dos Santos, seu pai era alfaiate e atendia pela alcunha de “pernetta” por conta de problemas físicos, era o segundo de cinco filhos. Apesar de numerosa, sua família possuía boas condições financeiras e tinha participação no cenário político local, permitindo que ele e seus irmãos estudassem no *Colégio Coritibano*, *Ginásio Curitibano* e *Escola de Belas Artes e Industrias do Paraná*, instituições onde estudavam os filhos da elite local.

Uma das principais influências em sua trajetória era o irmão Emiliano Pernetta, que foi uma importante referência do grupo de escritores que se formava, pois se destacava em concursos locais e conseguia legitimação com publicações fora da província. Essa posição de consagração de Emiliano fez com que Júlio convivesse desde cedo com nomes como Silveira Netto, Leôncio Correia, Rocha Pombo e Ermelino de Leão, que eram escritos, editores de revistas literárias e também trabalhavam nas redações dos jornais da capital.

Durante a juventude este grupo contribuiu com revistas como *A Ideia* e *A Arte*, que circularam em 1888, editorada por Mariano de Lima, diretor da *Escola de Belas Artes* e a segunda do *Clube dos Estudantes*, iniciativa da agremiação dirigida por Ermelino Leão. Não encontramos textos de Júlio neste período, os primeiros poemas que encontramos estão na revista *O Futuro* que circulou no ano de 1892 e era dirigida por Gabriel P. Martins Vaz, periódico contou com doze números de quatro páginas e era produzida na tipografia do *Partido Democrático*, aceitava contribuições diversas, trazia inflamadas discussões sobre o socialismo, a condição dos trabalhadores e tecia críticas ao processo de industrialização.

Se é este o primeiro espaço onde visualizamos a figura de Júlio Pernetta, o mesmo não podemos

dizer de Dario Vellozo, cujas publicações já eram recorrentes na década de 1890. Vellozo nasceu em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, e mudou-se para Curitiba em 1865, era filho do comerciante Cyro Vellozo e órfão de mãe, também estudou no *Ginásio Paranaense* onde estudou com o grupo de Silveira Netto, Emiliano Pernetta, Nestor Victor, entre outros. Trabalhou na tipografia do jornal *Dezenove de Dezembro* e, como relata Rafael Beltrami, nesse período inicia sua trajetória como escritor: “cria sua primeira associação e sua respectiva revista: O Mosqueteiro, congregação dos amigos Dario Vellozo (Aramis), Licio de Carvalho (Portos), Mario Tourinho (Atos) e Júlio T. Guimarães (Dartagnan)” (Beltrami,2002, p.27). *O Mosqueteiro*, circulou em 1887, em um formato de quatro páginas era impresso pelas máquinas do jornal *A República*.

Seu pai foi presidente do *Clube Curitibano*, uma das mais importantes agremiações da cidade que em 1891, em decorrência do décimo aniversário do clube, Cyro foi o principal incentivador da implementação de uma revista para a comunicação entre os sócios e promoção do grupo. Nesta publicação passaram a ser aceitos textos literários e Dario Vellozo passou a ter um maior espaço com a reprodução de alguns de seus poemas e discursos, até que no ano seguinte (1892) foi integrado a redação da *Revista do Clube Curitibano*.

Ao acompanharmos estas trajetórias não nos surpreende o encontro destes escritores na Curitiba do final do século XIX. Não nos referimos ao fato de dividirem páginas em *O Futuro*, pois são poucas as contribuições de ambos nesse periódico, servindo-nos apenas como indício desta proximidade, que tem sua coesão por intermédio da rede a qual pertenciam, demonstrando que mais do que uma rede formal e institucionalizada a relação destes é permeada pelas ligações afetivas, sensíveis.

Devemos levar em consideração que Curitiba na década de 1890 contava com uma população de 24553 pessoas¹, contando com um cenário em que alguns dos bairros eram áreas de produção agrícola e colônias de ocupação territorial. Estes escritores faziam parte de um grupo que se reconhecia como um grupo “tradicional” e “estabelecido”, em uma classe social que não podia ou não queria enviar seus filhos estudarem fora da província, mas que os matriculavam em escolas laicas.

Esse mesmo grupo que funda e mantém o *Clube Curitibano*, como um espaço de articulação política e de alianças entre esse grupo. Por conviverem e circularem nesses mesmos espaços esses intelectuais constroem leituras próximas sobre a sociedade e também estabelecem redes de aproximação que resultam em uma série de revistas. Os autores desta geração se revezam como editores, diretores e contribuintes de uma série de revistas nas quais é possível perceber uma continuidade dos laços de compromisso e de ideias como na *Revista do Club Curitybano* (1891), *O Guarany* (1891), *O Futuro* (1892) até a *Revista Azul* (1893), e nos anos posteriores em outros periódicos como *O Cenáculo* (1895) e *Turris Erbunea* (1900).

O surgimento e o desaparecimento desses periódicos envolvem diferentes motivações, apesar de conseguirmos visualizar uma continuidade entre os autores e os temas, também percebemos uma variação de projetos visuais e propostas temáticas, o que tem relação direta com o “público alvo” das revistas e o seu financiamento, assim falências (financeira ou ideológica) de uma revista, os autores se articulavam em um novo espaço.

1.fonte:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba> consultado pela última vez em 25 de janeiro de 2022

Ainda vale pensar na construção e produção de espaços para a publicação destes autores, pois o surgimento da *Revista Azul* ocorre pouco mais de seis meses após encerramento das atividades do mensário *O Futuro*, dirigido por Gabriel Vaz. Assim *Revista Azul* era uma rearticulação deste grupo, que contava com a participação de nomes como Leôncio Correia, João Itibere, Marianna Coelho, Antônio Braga, Silveira Netto.

Uma revista sem estandartes

Havia uma expectativa sobre a *Revista Azul*, que ela servisse como ferramenta de transformação da literatura local, que surgisse como um manifesto de rompimento com a posição periférica da produção local e colaborasse para o reconhecimento dos seus autores em nível nacional, antes do seu lançamento haviam notas sobre ela nos jornais como no jornal *A República*², a revista é anunciada nos seguintes termos: “A Revista Azul symbolista – quem sabe? – é a alvorada azul e límpida d’essa almejada época” (*A República*, 17 de agosto de 1893, p.2).

A trajetória de Emilaino Pernetta e João Itibere são importantes para nossa leitura sobre a recepção e circulação do simbolismo na capital paranaense, elas nos apresentam um cenário muito favorável a disseminação do Simbolismo, mas também como era visto como o “novo” e causador de estranhamentos. Essa relação é indiciosa dos processos de construção da revista, pois haviam interesses na formação desse movimento literário “vanguardista” em Curitiba, como superação de uma noção de atraso e também como forma de conformar uma identidade cultural local.

A consolidação de uma rede de escritores e de um público leitor também eram interesses dos organizadores do periódico em questão, mas como lemos nas páginas anteriores, Julio Pernetta e Dario Vellozo não se voltavam para uma produção simbolistas e estavam inseridos em uma rede de escritores com diferentes opções literárias, logo uma delimitação desta natureza, reduziria o número de contribuições para o periódico. Essas questões ficam mais evidentes na própria apresentação ao público, iniciava com as seguintes palavras:

Ahi vae, adorável leitora, o primeiro número da Revista Azul. É mais uma sincera tentativa em prol da sacrossanta cruzada das letras, mais uma esperança lisonjeira que confiamos à vivificante carícia de vossas puríssimas affeições. (...) A Revista Azul procurará sempre e sempre colocar-se a altura de vossas aspirações. Ella não traz desfraldado nenhum estandarte de eschola, porquanto não admite o partidarismo litterario; banindo tão somente de suas columnas o que for indigno de vosso finíssimo critério (Vellozo, *Revista Azul*, 1893, p.1)

A manutenção da rede e a necessidade de afirmação são componentes da construção heterogênea da revista, pois o momento era de fortalecimento de um campo literário local, descrito como uma “sacrossanta cruzada”, essa imagem está presente em outras revistas desta mesma rede de autores, que compreendiam que havia uma ausência de leitores e de vida cultural na cidade. Essa posição pode ser lida em texto de Dario Vellozo, quanto era então redator da *Revista do Club Curitybano*, em artigo intitulado *Pela Litteratura*, considerava a produção 2.É importante que se diga que os escritores de literatura eram também funcionários desses jornais e possivelmente os produtores dessas notas.

literária paranaense até o momento como insuficiente e pouco representativa, atribuindo a sua geração a necessidade de fortalecimento desta em âmbito local:

O Paraná não tem literatura nem possui ainda valiosos subsídios para sua história. As raras tentativas literárias dos que têm procurado reagir contra a antipathia mesológica não encontraram reflexo na alma paranaense. (Velloso, RCC, 30/06/1894, p. 1).

Os intelectuais dessa geração acreditavam que as revistas eram ferramentas essenciais para o surgimento e o crescimento dos autores que já existiam, pois nos jornais eram reduzidos os espaços para a publicação de literatura, mesmo que estes mesmos escritores estivessem nas redações dos jornais e conseguissem fazer circular alguns de seus textos e críticas a livros de seus colegas.

O nome do impresso estava ligado a simbologia que os simbolistas atribuíam as palavras efeitos sinestésicos, e logo “azul” era mais do que a cor, mas todas as sensações que a ela poderiam ser atribuídas. Leoncio Correia no número inaugural da revista experimenta uma descrição:

Azul? Azul com o que? Como o rigoroso e doce myosotis que a caule inclina o desmaiar a tarde?
Azul como sonho virgem de poeira?
Azul como um dia luminoso e cálido de verão em que o céu se curva como uma pétala de violeta esbatida de sol?
(...) sim! Azul como o olhar dulcíssimo do Cristo e como o virginal sorriso da poesia!
Azul como uma noite plácida de luar, em que as estrelas riem com seu riso de prata e em que a lua, a melanchólica sonhadora das alturas, parece o olhar fatigado de uma alma desgraçada...
(Correia, Revista Azul, 1893, nº1 p.1)

Houveram algumas inserções de referências e textos relacionados ao simbolismo como os poemas de Jean Itibere presentes em três edições da revista. Mas nas seis edições compostas por 8 páginas foram impressos textos assinados por mais de trinta autores, com variadas concepções literárias e formas de expressão. O autor com maior volume de textos é Dario Velloso que, além da apresentação da revista, assina mais oito textos entre manifestos, cartas aos leitores e poemas.

Outra produção que ocupa muitas das páginas da Revista Azul são os relatos de *A Viagem* de Silveira Netto, onde o escritor descreve os movimentos da comissão do governo estadual de reconhecimento do interior do Paraná, a sua narrativa composta de descrições que acompanham o roteiro de Curitiba até a chegada nas quedas do Rio Iguaçu, passando pelas vilas no caminho³. O texto foi publicado em seis partes, elaborado com uma escrita sem preocupações com escolas literárias, baseado na visão impressionista do autor sobre as paisagens, populações e condições sociais do território.

Nos debates literários o periódico trazia algumas páginas dedicadas por Coelho Netto sobre suas impressões sobre Guy de Maupassant, exaltando a visão do autor francês na forma

3. Essa produção tem grande valor no período, pois a região Oeste do estado era considerada um “sertão” e os debates sobre a ocupação territorial envolviam os interesses políticos do Estado na garantia das posses das terras e delimitação das fronteiras nacionais e divisas com os estados vizinhos.

de trabalhar com a realidade dos “homens”, em oposição à visão realista de Emile Zola ou das concepções das “torres de marfim” cantadas pelos simbolistas.

Ainda nas primeiras edições havia uma série assinada por Cunha Brito que tecia críticas ao que chamava de “declínio da língua portuguesa”, essa posição com forte cunho nacionalista e de valorização do idioma convivia com textos em francês e traduções de autores como Vitorien Sardeau, Victor Hugo, Catulle Mendes e Jean Richspin.

Também havia espaços para textos de Olavo Bilac, Alberto Rangel e Leoncio Correia, autores nacionais que não se referenciavam como simbolistas. Entre os nomes pertencentes a rede de escritores paranaenses também não havia um enquadramento com o simbolismo, exemplar era a presença de Antônio Braga que era uma das figuras mais próximas dos editores, e que tinha reconhecimento como intelectual local, que se declarava mais próximo das concepções parnasianas. A escritora Marianna Coelho, que na época era uma jovem que havia a pouco tempo vindo de Portugal para Curitiba, nesta revista encontramos algumas das suas primeiras contribuições, ela que era a única mulher publicada no periódico e se afirmaria anos mais tarde como nome do feminismo no Paraná.

A revista buscava criar se afirmar como ferramenta de interação entre o local e o nacional, para isso dedicava alguns espaços de suas páginas a reprodução de comentários e cartas de elogios a iniciativa e ao conteúdo de *Revista Azul* em outros impressos. Na edição número três traz trechos de elogios que teriam sido publicados em três jornais, o *Jornal do Comercio* do Rio de Janeiro, *Campos Gerais* da cidade de Ponta Grossa no interior do Estado e do jornal italiano *Corriere d'Italia*. No número seguinte é reproduzida mais uma carta enviada do Rio de Janeiro que ocupa duas colunas da revista, nela se lê:

Tenho sobre a mesa do meo gabinete de estudos, a interessante e bem colaborada Revista cujo nome encima estas desprencioas, impulso sincero de meo peito. Li-a sofregamente e, a proporção que meo espirito, attrahido pelo grandeza sublime das pennas que a matizão com cores aureas e vespertinas, parecia sonhas, o meo pensamento cheio de luz e de ardor, sorria satisfeito pela leitura da Revista que é “essencialmente celeste” (...) As nossas letras que, até então, tem merecido incontestavelmente, da parte dos nossos governos, o desprezo e nada mais... começam a vigorar e aganhar campo em diversos pontos deste futuroso áiz onde nascemos, embalados pela flora fresca e alegre (...) Paraná, se ainda não ocupa o 1º lugar no mapa literário moderno, não está longe deste dia, porque lá é verdadeiramente pronunciado o amor pelas letras característico do povo que adora o progresso, do povo que desejam a Luz... (...) ao terminar digo neste momento aos promotores de tão elevado cometimento e andar avante, porque é de vós, cujos corações estremecem aos grandes geitos do amor pela pátria das letras que sahirá, por certo, a ingente falange, que tecerá a coroa de loucos para ser colocada na frente do Brasil (...) se instruir é construir – vos pertenceis ao numero dos architectos que trabalham no colossal edificio da Instrução Americana”

(Leite, Revista Azul, 1893, nº4 p.1)

Do elogio podemos destacara algumas questões que eram caras ao grupo que compunha a *Revista Azul*, a primeira a imagem da dedicação as letras como um esforço superior de humanidade, em segundo a perspectiva de que era uma contribuição para o crescimento e reconhecimento da província em nível nacional, e por fim que tinha como justificativa a proposta

“iluminista” de instruir a população da capital paranaense.

O texto é assinado pelo jovem Carlos Marque Leite, que era catarinense e estudava no Rio de Janeiro, ele já havia contribuído em outros periódicos do grupo paranaense, ele aparece como um interlocutor entre os escritores de ambos os estados, a pesquisa apresentou poucos dados sobre esse autor. mas na mesma edição outro texto assinado por Saldanha Sobrinho, intitulado *Da Rua do Ouvir* narra os burburinhos em torno da obra *Broqueis* do autor João da Cruz e Souza, e fala da importância da obra para o público interessado nas discussões do simbolismo.

A revista se estabeleceu como um espaço de articulação local, seus compromissos com a rede de autores e o alcance de sua circulação guiaram a manutenção de sua proposta de ilustrar e manter ativo o cenário literário local, e com isso se compreende também a troca entre o que era produzido na cidade com o que era escrito em outros centros, mas sobretudo a preocupação em construir um público leitor e fortalecer novos escritores.

Trajatória interrompida

A revista teve curta duração, mas não se encontra notas que demonstrem uma frustração sobre o seu conteúdo ou pelas opções editoriais de seus organizadores. Ao analisarmos a rede de escritores percebemos que o momento e o espaço da *Revista Azul* tiveram a sua importância, não somente como espaço de experimentação e divulgação do simbolismo, mas como ferramenta da organização do campo intelectuais paranaenses no século XIX, servindo a soma de forças e a manutenção das relações entre os escritores.

O periódico em questão teve suas atividades encerradas de forma brusca, sendo interrompida em razão da Revolta Federalista, que iniciou em 1893. Em seus últimos números essas tensões começam a aparecer, como no texto de Dario Vellozo que abre a quarta edição, em setembro:

Hoje, que a Patria sente o seio oppresso pela guante senil de atroz fatalidade; hoje, que os Brasileiros, amigos como enorme nimbo, vae, pouco a pouco, argumentando, distendendo-se, combrindo o solo sacrossanto banhado das lagrimas de nossas mães, do sangue de nossos paes, do suor de nossos rostos; hoje que se adivinha: - permitir-me-hão, com certeza, em nome da Revista Azul, quiça traduzindo o anhel de todos os que comprehendem o desantroso corollario das guerras civis, faça votos pelo prompto restabelecimento da ordem (Vellozo, 1893, nº6 p.1)

O governo paranaense se colocou oficialmente em oposição ao grupo de Gumercindo Saraiva, participando da organização da resistência, que se intensificou quando do avanço das tropas revoltosas e a conquista de Santa Catarina, anteriormente já tinha ocorrido a tomada de Paranaguá pela esquadra do almirante Custódio José de Mello, e sua posterior conquista de Curitiba.

O conflito promoveu fissuras em toda a sociedade paranaense e, como não seria diferente, provocou mudanças na organização dos grupos intelectuais. Suas memórias e compreensões de mundo foram afetadas pelas diferentes experiências que tiveram nesse processo. Como afirma a historiadora Caroline Baron Marach, estes intelectuais participaram dos combates, cita os exemplos de Leôncio Correia e Júlio Pernetta que serviram no batalhão da Lapa, ainda relata a

atuação de Dario Vellozo na guarda nacional. Com isso, inevitavelmente, a revista não pode ter sequência (Marach, 2013, p.123).

Porém a rede se manteve, Dario Veloso, Silveira Netto, Júlio Pernetta e Antônio Braga formaram dentro do *Clube Curitibano* o grupo do *O Cenáculo*, que tinha como intuito discutir literatura e promover a cultura como ferramenta de resolução dos problemas da sociedade. A proposta se converteu em uma revista, que levava o mesmo nome, *O Cenáculo*, e que se tornou a publicação de maior expressividade desta geração.

Referências

ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

BEGA, Maria Tarcisa Silva Bega. *Sonho e Invenção do Paraná: Geração simbolista e a construção da identidade regional*. 2001. 434f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BELTRAMI, Rafael C. *Da poesia na ciência: Fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, uma história de suas idéias*. Curitiba, 1900. Dissertação de mestrado em história. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

CAMARGO JUNIOR, Mauro C. Vaz. *Pelos paranaenses e pelo Brasil: A construção de espaços de produção histórica no Paraná (1890-1930)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CAROLO, Cassiana. Jean Itiberé (1870 - 1953) Um Informante. *Revista da UFPR*. Curitiba 1970.

CORRÊA, Amélia Siegel. *Imprensa e Política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Fátima; SOIHET, Rachel (Orgs.). *Cultura política: interfaces entre história cultural, história política e ensino de história*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 259-284.

GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012. (Parte II: Os exemplos de transferências culturais entre a França e o Brasil, p. 89-155).

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: BACELLAR, Carlos; PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

MARACH, Caroline Baron. *Discursos e Linguagem Na Revista Do Clube Curitibano (1890 A 1912)*. 2013 - Tese (Doutorado Em História) – PPGH, UFPR, Curitiba.

NEDEL, Leticia Borges. *Um passado novo para uma história em crise: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília. 2005.

SANTANA, Ivan. *Emiliano Pernetá: Vida E Poesia De Província?*. 2015 - Tese (Doutorado Em Letras) – PPGH, UFPR, Curitiba.

SAPIRO, Gisele. Modelos De Intervenção Política Dos Intelectuais: O Caso Francês. *Revista Pós Ciências Sociais*, 9(17), p. 19-50.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SIGAL, Silvia. 2012. Intelectuais, Cultura e Política na Argentina. *Revista Pós Ciências Sociais*, 9(17), pp. 51-66

WILLIAMS, Raymond. A fração Bloomsbury. *Revista Plural*, nº6, primeiro semestre de 1999.

Artigo submetido em: 30/10/2021

Aprovado em: 11/12/2021